

Rede construcional: a relação entre monoargumental, apresentativa e existencial na língua portuguesa

Lucas Alves Costa (UFG)*
<https://orcid.org/0000-0003-4139-2031>

Resumo:

As construções monoargumental, apresentativa e existencial compartilham características gramaticais similares na língua portuguesa. Por isso, objetivava-se descrever a relação entre os traços semânticos, sintáticos e pragmáticos dessas construções. Fundamenta-se em alguns pressupostos teóricos da abordagem construcional da gramática (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995, 2006, 2019; HUDSON, 2007; LANGARCKER, 1987; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), onde a gramática é vista como uma rede construcional. Os dados reais da língua são depreendidos do *Corpus* do Português NOW. Os resultados da descrição indicam que essas construções são vinculadas por *links* relacionais e de herança, que viabilizam similaridades morfossintáticas, porém com traços semânticos e pragmáticos distintos, instanciados em construtos empíricos.

Palavras-chave: Gramática de construções; Rede construcional; Língua portuguesa.

Abstract:

Constructional network: the relationship between monoargumental, presentational and existential in the Portuguese language

The monoargumental, presentational and existential constructions share similar grammatical characteristics in Portuguese. Therefore, the objective is to describe the relationship between the semantic, syntactic and pragmatic features of these constructions. It is based on some theoretical assumptions of the constructional approach to grammar (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995, 2006, 2019; HUDSON, 2007; LANGARCKER, 1987; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), where grammar is seen as a constructional network. The actual data of the language are inferred from the Portuguese *Corpus* NOW. The description results indicate that these constructions are linked by relational

* Doutor em Letras e Linguística. Professor de Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Letras – UFG. Link do Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5146425681841166>>. E-mail: lucas.alves.77@gmail.com.

and inheritance links, that enable morphosyntactic similarities, but with distinct semantic and pragmatic traits, instantiated in empirical constructs.

Keywords: Construction grammar; Constructional network; Portuguese language.

Palavras iniciais

Várias pesquisas linguísticas identificaram dentre a categoria do verbo o tipo monoargumental, classificado na gramática tradicional como intransitivo. Nesse tipo, a ordem dos constituintes, em geral, é sintagma nominal, exigido pelo verbo, pré-posto ao sintagma verbal. Entretanto, o trabalho de Perlmutter (1978) destacou uma subclasse: os inacusativos. Nela a ordem dos constituintes é sintagma nominal posposto ao sintagma verbal. Além disso, os verbos monoargumentais, em seu aspecto semântico, indicam algum tipo de movimento, processos, que passam em um organismo vivo, e entrada ou saída de cena.

Na língua portuguesa, as construções monoargumental¹, apresentativa e existencial compartilham as propriedades semântico-discursivas, pois há a inserção ou apresentação da informação nova na sequência enunciativa, representada pelo sintagma nominal. Por conseguinte, elas têm o verbo em posição inicial e o deslocamento do sintagma nominal posterior ao verbo. Com isso, elas demonstram uma relação parental por elos ou por herança. Vejamos nestes exemplos:

(1) *Apareceu a chave do outro lado! Aí fugiu o menino brigão [...]* (Corpus do Português NOW)

1 No quadro teórico gerativista, os verbos intransitivos são redefinidos em duas subclasses: os inergativos e os inacusativos, pois eles têm apenas um argumento, mas com comportamentos distintos. Para este estudo, consideramos a ordem Verbo-Sujeito prototípica a essas duas subclasses.

(2) *Ao surgir a televisão, em 1950, correu o boato de que não era recomendado assistir aos programas por mais de quinze minutos seguidos.* (Corpus do Português NOW)

(3) *bom... eu venho aqui pra faculdade... também tem a paróquia...onde eu trabalhei... e nessa paróquia tem várias comunidades.* (Corpus do Português NOW).

Nesses exemplos, essas construções têm especificidades morfossintáticas similares. Por exemplo, a ocorrência da ordem verbo-sujeito na monoargumental (1) e na apresentativa (2); assim como a posição inicial do verbo e a posteridade do sintagma nominal na existencial (3). Discursivamente, elas ancoram conteúdo referencial na sequência enunciativa; semanticamente, a existencial tem aceção de existência e a apresentativa tem função focalizadora.

Na abordagem construcional, os conhecimentos linguísticos dos falantes formam um repertório de construções de uma língua. Para Bybee (2010), nos eventos de usos da língua, os usuários realizam processos de generalizações e de similitudes por via de exemplários de construções linguísticas. A gramática, dessa maneira, é um conjunto de construções interrelacionadas em menor ou maior grau de vinculação.

Na rede construcional de uma língua, há construções específicas que herdam características de construções matrizes. Desse modo, os significados construcionais são estabelecidos a partir de um significado matriz. Assim, a totalidade do nosso conhecimento linguístico é apreendido por uma rede de construções (HUDSON, 2007).

Objetiva-se, neste estudo, descrever a relação parental entre monoargumental, apresentativa e existencial na língua portuguesa. Metodologicamente, depreendemos uma amostra contemporânea de ocorrências de língua falada ou escrita da plataforma *Corpus* do Português NOW (Notícias na Web) (<https://www.corpusdoportugues.org/now/>). Esse *corpus* contém cerca de um bilhão de palavras de dados de jornais e revistas da *web* em quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Moçambique, Angola), de 2012 a 2019. Adota-se o critério léxico-gramatical (verbos frequentes e ordem sintática) para identificar as ocorrências dessas construções. A partir disso, gerou-se uma lista com mais de quatro mil exemplos dessas construções, que foram analisadas qualitativamente.

Em vista disso, fundamenta-se na abordagem construcional da gramática em autores como Goldberg (1995, 2006, 2019), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2010), Hudson (2007), Langacker (1987). Além desses, utilizam-se trabalhos descritivos como Costa (2022), Santos (2019), Nascimento (1999) e outros. A hipótese é que as construções supracitadas mantêm as relações associativas entre si, mesmo sendo específicas na gramática da língua portuguesa.

Esse trabalho organiza-se da seguinte forma: na primeira seção, expõem-se alguns conceitos operacionais, que são: rede construcional, elos relacionais ou de heranças e esquematicidade. Na segunda seção, realiza-se o cotejo dos traços gramaticais e discursivos das construções em questão, para demonstrar as relações parentais entre elas por via de elos ora proximais ora distantes. E, por fim, as considerações provindas desse estudo.

Rede construcional: a relação entre construções linguísticas

Na abordagem construcional, a linguagem é formada por via de associações simbólicas regidas por princípios cognitivos gerais que respaldam qualquer atividade da vida humana. Com isso, as construções linguísticas podem ser descritas em tipos de relação ou de herança. Construção é um pareamento convencionalizado de forma e de significado, com traços gramaticais e discursivos revelados em construtos atestados empiricamente (GOLDBERG, 2019; CROFT, 2012; BYBEE, 2010).

As construções linguísticas estão dispostas em uma rede construcional, na qual há construções mais centrais, com algum tipo de abstratização generalizada, e construções mais específicas. Para Traugott e Trousdale (2013), cada construção liga-se a outras na rede construcional, pois as mais centrais munem de algumas características as mais específicas. Assim, o relacionamento entre elas se dá por graus de parentesco que se estabelecem no polo do significado ou da forma. Logo, as construções mantêm relação entre si por via de elos múltiplos.

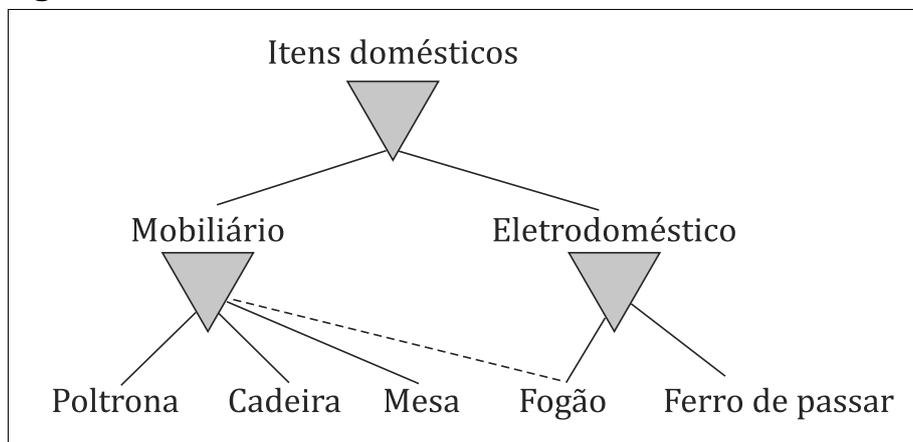
Sobre esse ponto de vista relacional da linguagem, Hudson (2007) esclarece que os elementos linguísticos estão todos interconectados e agrupados por similaridades (proximal) ou diferenças (distanciamento). Além do mais, para o autor, a língua é uma rede simbólica e conceitual, um sistema de entidades interconectadas por associação entre conceitos mais esquemáticos (generalizados) e conceitos específicos. Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2013) ressaltam que, na configuração radial da gramática, há construções mais abstratas e inclusivas (esquemáticas) e construções mais específicas

e menos inclusivas (microconstruções) em vista da generalização.

Na generalização, o conceito mais abstrato é mais inclusivo. Por exemplo, o conceito “item doméstico” é mais inclusivo que “mobiliário”, que é mais inclusivo que o conceito “poltrona”. Assim como o conceito

“eletrodoméstico” é mais inclusivo que “fogão”, que herda tanto o conceito de “móvel” como de “eletrodoméstico”. Uma rede conceitual mostra a associação entre conceitos inclusivos e conceitos mais específicos, e as interrelações conceituais entre ambos. Ilustra-se essa perspectiva na Figura 1:

Figura 1: Rede conceitual



Fonte: elaboração própria

Na especificidade, os conceitos mais detalhistas (poltrona, cadeira, mesa, fogão e ferro de passar) são acomodados no conceito mais abstrato (itens domésticos) de modo sistêmico, isto é, interconectado. Do mesmo modo, as relações entre construções linguísticas são sistêmicas, pois construções esquemáticas (abstratas e altamente inclusivas) ligam-se a construções específicas, como subesquemas e microconstruções. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade de uma construção linguística está relacionada ao grau em que ela captura de padrões mais gerais em uma série de construções mais específicas.

Traugott e Trousdale (2013) consideram que novas construções são estabelecidas em um fluxo contínuo para atender às necessidades comunicativas. Por conseguinte, as construções linguísticas são coligadas em uma rede cujos elos são estabelecidos pelo compartilhamento de traços gramaticais

e discursivos entre elas. Esses traços são oriundos de construções mais centrais, ou seja, mais esquemáticas.

Dessa maneira, a relação entre as construções é via elos, que ora são distantes ora proximais. O distanciamento está no nível de propriedades da forma e do significado, por exemplo, graus de entrincheiramento de suas subpartes esquemáticas e acessibilidade cognitiva de uma construção. A proximidade está no nível de equiparação de traços gramaticais e discursivos mais compartilhados entre as construções. Assim, as particularidades morfossintáticas podem ser idênticas (proximal) e as peculiaridades semânticas e discursivas podem ser distintas (distantes).

Para capturar a relação entre as construções, Goldberg (1995) define os elos em dois tipos: (1) relacionais e (2) de herança. Os elos relacionais envolvem um mapeamento particular, isto é, a extensão de um

significado geral para significados mais específicos. Os elos de herança são as relações taxonômicas que permitem vários níveis de generalização de um significado matriz para significados específicos, pois, nos significados específicos, há vestígios do significado matriz. Segundo Hudson (2007), esses dois tipos de elos favorecem o processamento linguístico em rede, pois o usuário da língua realiza ativação simultânea de nós intimamente relacionados em eventos particulares de uso, ação chamada pelo autor de “expansão da ativação”.

Para Goldberg (1995), os elos relacionais podem acontecer (i) por polissemia, (ii) por extensão metafórica, (iii) por subpartes e (iv) por instanciação. Elos por polissemia são os diversos significados provindo de forma-significado matriz; elos por extensão metafórica ocorrem entre os domínios fonte e alvo, uma conceptualização de dois domínios conceptuais, que aproximados, concebem outro domínio; elos por subparte indicam as relações metonímias entre construções, porque alguns traços de uma construção podem ser identificados em outras; e, por fim, elos por instanciação, que ocorrem quando uma construção é exemplificação de outra.

Além desses, há os elos de herança, que demonstram que o conhecimento linguístico está disposto em uma rede taxonômica hierárquica, onde as construções linguísticas mantêm graus diferentes de abstratização. Esquemas — nós na rede construcionais da língua — são altamente abstratos e concentram traços matrizes do polo de forma e do polo do significado. Os elos de herança representam a rede taxonômica de construções, hierarquicamente organizados em rede. A organização das construções em rede está em contínuo de maior ou de menor esquematicidade. Assim, as

construções dispostas radialmente podem ter quatro diferentes tipos de elos de herança: taxonômicos, horizontais, sintáticos e lexicais.

Nos elos taxonômicos, a organização hierárquica das construções se dá a partir de maior ou de menor grau de abstração, ou seja, de níveis mais esquemáticos a níveis menos esquemáticos. Os elos horizontais são as relações entre construções no mesmo nível de abstração. Os elos sintáticos são as relações entre construções e categorias sintáticas. Os elos lexicais são ligações associativas entre construções esquemáticas e expressões lexicais concretas, logo certos lexemas estão mais propensos a emergirem em uma construção específica.

Croft (2012) propõe a análise parental das construções a partir de uma explanação de redes hierárquicas. Nessas redes, um conjunto de construções monossêmicas se associam a formas específicas por meio de relações taxonômicas e horizontais. Nessa visão, as construções mais gerais se vinculam a um conjunto de construções semanticamente mais específicas e marcadas quanto à classe semântica admitida no *slot* verbal. Ademais, cada construção está vinculada a um conjunto de diferentes níveis de esquematicidade e todas elas armazenam um significado construcional central.

Por isso, esquematicidade é abstratização, e esquema é uma generalização taxonômica. Para Traugott e Trousdale (2013), no esquema, há um agrupamento semanticamente geral de propriedades procedurais ou de conteúdo. É abstrato porque concentra um conjunto de traços construcionais que provê outros nós na rede construcional. Por isso, os níveis de esquematicidade variam do mais esquemático aos construtos empíricos. Croft (2001, p. 23) define esses níveis como:

1. Esquema: construções mais genéricas e mais abertas, que enquadram as estruturas complexas de possibilidades infinitas de preenchimento, matrizes definidoras de regularidade no sistema;
2. Subesquemas: construções semiabertas e de padrões similares, com particularidades e possibilidades mais específicas;
3. Construto: construções empíricas, imediatas no momento de fala, que são cristalizadas ou instanciadas momentaneamente, molduradas na forma e no significado.

As construções monoargumental, apresentativa e existencial têm a mesma estrutura sintática, ou seja, verbo em primeira posição e sintagma nominal posposto. A diferença entre essas construções está no polo semântico e pragmático, pois as monoargumental e apresentativa têm a função de introduzir um núcleo informativo focalizando-o; todavia, a existencial tem a função de inserir algo/alguém na sequência enunciativa com aceção de existência. Além disso, na existencial, o sintagma nominal posposto não mantém vínculo sintático com verbo, visto que na apresentativa e monoargumental há vínculo sintático.

Para Costa (2022), a construção existencial é um nó na rede construcional da língua portuguesa, pois é uma construção com traços específicos no polo da forma e do significado. No polo do significado, há a aceção de existência e a função de inserir o núcleo informativo na sequência enunciativa. No polo da forma, a morfologia do verbo está na terceira pessoa do singular, no modo indicativo, que acomoda um grupo restrito de verbos (ter, haver, existir).

Nessa construção, o verbo em primeira posição, o sintagma nominal único e uma ex-

pressão locativo-temporal são os elementos que compõem o esquema existencial [Exis SN loc-temp.]. Esse esquema é abstrato, pois cada *slot* pode ser preenchido por variados itens lexicais. As instâncias dessa construção atendem às necessidades pragmáticas específicas na língua, sendo ancoragem de conteúdo no plano discursivo. Ilustra-se essa construção neste exemplo:

(4) Há pessoas vítimas de injustiças e de desatenções aqui. Nem todas são respeitadas em sua dignidade e em os seus direitos. Sei que me vou repetir, mas faço-o propositadamente: há casos em que é mais importante ser filho de papai ou sobrinho de tio do que filho de Deus. (Corpus do Português NOW)

Por sua vez, a construção apresentativa, segundo Santos (2019), tem em sua estrutura um verbo em primeira posição e um sintagma nominal posterior a ele. Para o autor (2019), essa construção divide-se em: (1) apresentacional focalizadora; (2) apresentacional com verbo pleno e sintagma nominal obrigatoriamente posposto; (3) apresentacional com verbo funcional; e (4) apresentacional não prototípica. Ainda, segundo o autor, os verbos apresentativos têm o papel de apresentador do argumento na sequência enunciativa. Além disso, eles servem para introduzir no discurso novas entidades, focalizando-as, visto que a anteposição do verbo evidencia seu argumento (SANTOS, 2019; PEZATTI, 2014), como neste exemplo:

*(5) África do Sul é o primeiro adversário a sofrer um gol de Ronaldo pela seleção. O nosso grande Cristiano Ronaldo dizia que isto é como o ketchup: quando **aparece** o primeiro [gol], aparecem os outros todos. (Corpus do Português NOW)*

A monoargumental, na literatura, é subdividida em dois grupos: inacusativo e inergativo, pois ambos têm aspectos morfossin-

táticos particulares na gramática. Para Trindade (2017), os *inacusativos* selecionam apenas um único argumento interno, tipicamente o objeto direto das estruturas transitivas, que ocorre na posição de sujeito. Os *inergativos* selecionam um único argumento externo que, também, ocorre com a relação gramatical de sujeito.

Para este estudo, consideramos a monoargumental *inacusativa* como um nó central da rede construcional da língua portuguesa, pois, sintaticamente, essa construção tem um verbo em primeira posição e um sujeito posposto na ordem V+SN (verbo e sintagma nominal). Em conformidade com Ciríaco e Cançado (2004, p. 23) que afirmam: “[...] na verdade, espera-se que os verbos *inacusativos* aceitem mais naturalmente a posposição, em contraste com os *inergativos*”. Ilustre-se essa construção no exemplo:

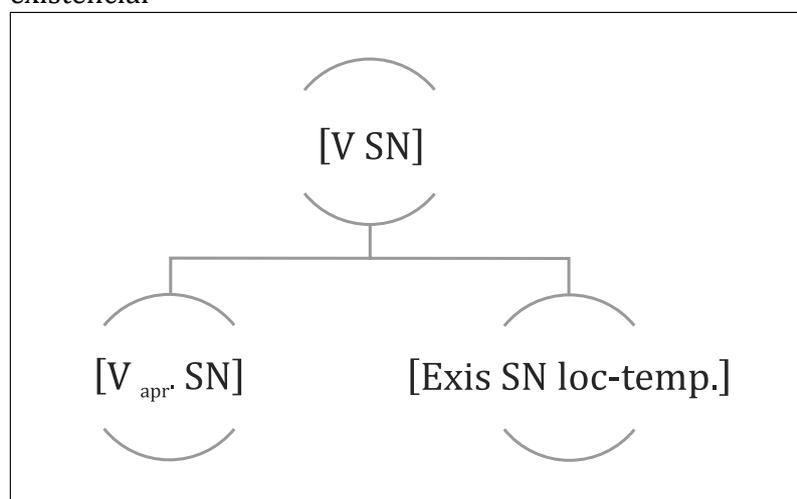
(6) *Em maio, chegou a notícia que tinha uma proposta para se mudar para a Luz. Rafinha preferiu o regresso ao Brasil - de onde partira,*

em 2005, para o Schalke 04 -, para trabalhar com Jorge Jesus, depois de 14 anos na Europa. (Corpus do Português NOW)

A partir dessas considerações, observa-se que essas construções têm a mesma ordenação sintática, ou seja, a ordem do verbo e do sintagma nominal. Nas monoargumentais e apresentativas, o sintagma nominal tem função de sujeito gramatical, pois é selecionado pelo predicado. Diferentemente da existencial, em que o verbo em primeira posição não mantém relação sintática com o sintagma nominal posposto.

Neste estudo, as construções monoargumental, apresentativa e existencial são sancionadas pelo esquema [V SN], isto é, verbo e sintagma nominal. Esse esquema é abstrato, e seus *slots* são preenchidos por um número ilimitado de elementos lexicais. Desse modo, o grau de abstratização dele é maior. Assim, considera-se o esquema [V SN] matriz e provedor das construções apresentativa e existencial. Ilustra-se essa rede construcional na Figura 2:

Figura 2: Relação entre monoargumental, apresentativa e existencial



Fonte: elaboração própria.

Nessa figura, as notações [V SN] é o esquema matriz da monoargumental; [V_{apr.}

SN] é o esquema da apresentativa; e [Exis SN loc-temp.] é o esquema da existencial.

Nessa rede hierárquica, essas construções compartilham traços morfossintáticos, semântico e pragmáticos. O verbo em primeira posição é a característica que mais as aproximam, porém a monoargumental e a apresentativa não têm aceção de existência como a existencial. A função pragmática também as aproxima, pois elas têm como núcleo informativo o sintagma nominal postposto ao verbo.

Além do mais, o grupo de verbos que podem ser acomodados na monoargumental é extenso em relação ao grupo dos verbos apresentativos. Diferentemente da construção existencial, visto que, segundo Costa (2022), os verbos mais recorrentes nela são “ter”, “haver” e “existir”, ou seja, um grupo mais restrito. A relação entre apresentacional e existencial exhibe diferenças semânticas e, principalmente, sintáticas dos verbos, pois um verbo existencial não predica argumentos como fazem os verbos monoargumentais e apresentacionais.

Com essa fundamentação teórica, na próxima seção, descrevemos os traços das construções monoargumental, apresentativa e existencial, mostrando as relações parentais entre elas. Cotejamos as características morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas de cada uma delas, e apontamos os elos de relação e de herança, visto que cada uma dessas construções são esquemas ou nós relacionados na rede construcional da língua portuguesa.

Relação parental entre monoargumental, apresentativa e existencial

A relação entre monoargumental, apresentativa e existencial consiste na herança de traços do polo da forma e do significado oriundos do esquema matriz [V SN].

No polo da forma, na monoargumental, os verbos estão em primeira posição e selecionam um argumento. No polo do significado, o nó esquemático [V SN] remete à organização informacional, que revela a distribuição da figura e do fundo, do velho e do novo. Assim, esse esquema é um nó mais central na rede construcional do português, e provê esquemas, subesquemas e microconstruções. Por isso, caracteriza-se hierarquicamente superior às construções apresentativa e existencial.

A construção monoargumental sintaticamente seleciona um argumento único, que exerce a função sintática de sujeito da oração, e não seleciona complemento. A proximidade com a construção apresentativa está na seleção de argumento único, que, também, exerce a função sujeito da oração e papel temático [- agente]. Por conseguinte, o elo de herança entre a monoargumental e apresentativa pode ser taxonômico devido ao grau de abstratização do esquema [V SN] da monoargumental. A apresentativa é abarcada pelo nó esquemático [V SN] sancionado no português como nestes construtos:

(7) *Na cidade, será servido um linguado (na época, **chegou à mesa o sole Normande**), com mexilhão, camarão e sidra. (Corpus do Português NOW)*

(8) *Além disso, a Expressão Popular é uma editora que publica textos importantes. Daí **surgiu a ideia** de assinar o Clube de o Livro que a Expressão oferece e daí nos encontramos mensalmente para socializar as leituras e impressões “ (Corpus do Português NOW)*

Os exemplos (7) e (8) são, respectivamente, instâncias das construções monoargumental e apresentativa. Os traços morfossintáticos são a posição dos verbos (“chegar” e “surgir”) e a seleção do sintagma nominal único e sujeito da oração. No polo do signifi-

cado, essas construções também compartilham a função pragmática de destacar o núcleo informativo: o sujeito da oração (“o sole Normande” e “a ideia”). A monoargumental e apresentativa, no polo do significado, são semanticamente próximas, pois ambas designam um estado de coisas com traços de processo [+ - dinâmico], [- controle].

Por sua vez, a construção existencial compartilha traços do esquema [V SN] provedor da apresentativa e da monoargumental, ora proximal, ora distante. No polo da forma, a existencial tem a configuração de [V SN], logo o verbo em primeira posição e o sintagma nominal em seguida, porém não é selecionado pelo verbo. Nessa construção, a morfologia do verbo é específica, isto é, desinência tempo-presente e número-terceira-pessoa. Diferentemente da monoargumental e apresentativa que têm desinências verbais diversificadas de tempo e número-pessoa.

Sobre essa disparidade, Traugott e Trousdale (2013) esclarecem que cada nó representa uma construção em algum grau de abstração, assim um nó tem conteúdo de significado e forma, apesar dos vários graus de complexidade e especificidade de cada um. Segundo os autores, os elos são possíveis em direções múltiplas entre funções semânticas, pragmáticas, discursivas, sintáticas, morfológicas e fonológicas de cada nó. Por isso, cada nó é ligado de várias maneiras a outros nós na rede.

A relação parental entre construções em estudo é proximal no polo do significado. Pragmaticamente, nas três construções o sintagma nominal é o núcleo informativo, controlador do fluxo de informação. Com isso, nelas, a focalização se distribui na sequencialidade enunciativa, com possibilidade catafórica no texto.

Na existencial, a focalização está no sin-

tagma nominal único, com teor semântico na assertiva existe ou não algo ou alguém na sequência enunciativa. Isso salienta o elo polissêmico no traço semântico. Discursivamente, a apresentativa e a existencial são próximas, pois ambas focalizam uma entidade no plano discursivo. Diferentemente da monoargumental que descreve um evento ou cenário narrativo. Vejamos estes exemplos:

(9) *A energia renovável é, cada vez mais, uma tendência e o mercado liberalizado caminha em esse sentido. Foi assim que, em 2014, nasceu, em o Porto, a Energia Simples, marca de a PH Energia para a comercialização de energia. (Corpus do Português NOW)*

(10) *Para nós atores, dói muito... Pois esperamos o momento, nos entregamos e aparece a edição e dissipa todos os tempos, o silêncio extremamente emocionado... Por que a caracterização estava sendo afetada? (Corpus do Português NOW)*

(11) *Aqui em Porto Alegre tá 79k! Por 70k é de se pensar! Você não está querendo comparar um Audi A4 com o Cruze, né? Isso é piada. Mas tem uma diferença bem grande de valores não? (Corpus do Português NOW)*

Os exemplos (9) monoargumental, (10) apresentativa e (11) existencial são construídos que exibem as relações proximais e distantes entre essas construções. Elas demonstram o elo de subparte e elo relacional taxonômico, pois, no polo da forma, as características sintáticas são proximais, principalmente a ordem dos constituintes. No polo do significado, elas se distanciam, pois cada uma delas tem semântica e funções discursivas dispares. A partir disso, explicam-se esses traços no Quadro 1²:

2 As abreviações são, respectivamente: Sem (semântica); Sin. (sintaxe); Fun. (pragmático-discursivo)

Quadro 1: Traços gramaticais da monoargumental, apresentativa e existencial

Monoargumental	Apresentativa	Existencial
<p><i>SEM</i>: Processos [+ - dinâmico] [+ - controle] [+ - agentivo] <i>SIN</i>: vinculação SV e sujeito <i>FUN</i>: introdução de evento</p>	<p><i>SEM</i>: Processos [+ - dinâmico] [+ - controle] [- agentivo] <i>SIN</i>: vinculação SV e sujeito <i>FUN</i>: apresentar / focalizar</p>	<p><i>SEM</i>: Estado [- dinâmico] [- controle] [- agentivo] <i>SIN</i>: Sem vinculação <i>FUN</i>: inserção</p>

Fonte: elaboração própria.

Nesse quadro, nota-se a proximidade nos traços semânticos e sintáticos entre monoargumental e apresentativa. Todavia, a existencial se distancia delas nos traços semânticos, sintáticos e funcionais, mas se aproxima da apresentativa nos traços funcionais. As três construções são abarcadas pelo esquema matriz [V SN] por elos de herança. Para Goldberg (1995), elos de herança mostram que cada nó herda propriedades de seus nós dominantes. Além disso, essas construções herdaram a força pragmática ocasionada pelo deslocamento de qualquer elemento oracional para o primeiro plano (tópico). Esse deslocamento, segundo Pezatti (2014), é característico da língua portuguesa, uma língua que privilegia a ordem tópico-comentário.

A construção existencial é dissidente do esquema matriz em vários traços no polo da forma e do significado. Suas propriedades morfossintáticas são específicas, pois a desinência verbal de terceira-pessoa singular, tempo-presente e o sintagma nominal, posterior ao verbo, não é argumento do predicado. Esse sintagma nominal, pragmaticamente, é o núcleo informativo e, discursivamente, insere uma entidade no plano do discurso. Assim, a existencial é uma construção mais específica na rede construcional do português.

O esquema [V SN], mais abstrato e central, abarca outros tipos de construção, por

isso estabelece relações de herança. Sobre esse ponto, Langacker (1987) afirma que o nível mais esquemático permite sanções parciais e integrais, ou seja, uma construção B herda propriedades de A, mas algumas propriedades adicionais especificam cada construção. Assim, o esquema monoargumental espalha propriedades construcionais para a apresentativa que espalha para existencial. Por isso, nelas há restrições ou especificidades semântico-sintáticas dos elementos que podem preencher o *slot* [V].

A apresentativa e a existencial são mais proximais, porque, mesmo com aspectos sintáticos diferentes, têm propriedades pragmático-discursivas mais próximas. Semanticamente, núcleo nominativo das três construções tem propriedade lexical com significado expandido e indefinido, sendo pragmaticamente foco e controlador de fluxo de atenção. Essas correlações são sancionadas em cada nó da rede construcional, instanciadas em construtos, como nos exemplos:

(12) **Nasceu um menino** na noite fria em Nazaré. (Corpus do Português NOW)

(13) Engraçado, que em 91, era meio-dia, **passava um carro**, cinco minutos **passava outro**, né? (Corpus do Português NOW)

(14) **Tem tanta gente** nesse lugar hoje [...]. (Corpus do português NOW)

Em (12), sanção do esquema matriz, a monoargumental tem um argumento úni-

co e sujeito. O verbo “nascer” atribui papel semântico ao seu argumento [+agente]. Em (13), uma apresentativa, sanção parcial, pragmaticamente o verbo introduz a informação, tornando-a o foco da oração, além disso o sintagma nominal é argumento do verbo. Em (14), sanção parcial, a existencial insere uma entidade na sequência enunciativa, uma informação indefinida, generalizada, com sintagma nominal não vinculado sintaticamente ao verbo em primeira posição.

Os elos polissêmicos entre as construções são evidentes no polo do significado, visto que tanto a apresentativa como a existencial têm o papel de apresentar ou inserir

uma entidade no plano discursivo, porém é proeminente na existencial o carácter mais discursivo, e na apresentativa mais pragmático, pois a posição do verbo cumpre o papel de focalizar seu argumento.

Além disso, o esquema matriz das três construções [V SN] espalha as restrições lexicais no preenchimento do *slot* [V]. O preenchimento na monoargumental é mais abrangente; na apresentativa é mais ou menos abrangente; e na existencial é mais restritiva. Observa-se essa restrição no Quadro 2 de possíveis verbos de cada uma dessas construções, depreendidos dos dados analisados neste estudo:

Quadro 2: Verbos possíveis nas monoargumental, apresentativa e existencial

Verbos Monoargumentais	Verbos Apresentativos	Verbos Existenciais
crescer, falir, germinar, ocorrer, vir, chegar, cair, fugir, acontecer, adoecer, aparecer, arder, caducar, cessar, coalhar, decair, decorrer, desaparecer, desmaiar, emergir, emigrar, evoluir, fugir, mover, ocorrer, partir, pender, ruir, sair, sucumbir, vagar, vir etc.	surgir, vir, chegar, aparecer, bastar, passar, dar, ter, acontecer, existir, faltar, ir, ocorrer, sobrar, vir etc.	ter, haver, existir e ser.

Fonte: elaboração própria.

Os aspectos semânticos do sintagma nominal da monoargumental e da apresentativa são coincidentes, mantendo vinculação sintática como verbo, e revela o compartilhamento de propriedades da monoargumental com a apresentativa, uma relação apriorística de herança construcional. Assim, o argumento de ambas não detém papel semântico de agente em relação ao acontecimento expresso pelo verbo. Na monoargumental, os traços semânticos [- agente] e [- volitivo] do SN são compatíveis com a apresentativa.

Na rede taxonômica dessas construções, a relação de herança entre elas favorece o

processamento no mesmo nó sistêmico da língua [V SN], que viabiliza a produtividade, a compreensão e a automação dessas construções na interação verbal. Desse modo, o processamento desses nós ocorre sistematicamente por via de exemplários com semelhanças proximais e recepção das diferenças encadeada na analogia, que tornam essas construções seriais e previsíveis no sistema linguístico do português.

Para Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010), os efeitos de *priming* — influência de um significado ou forma anterior em uma forma subsequente — envolvem (pré) ativação do significado, da morfossintaxe ou da

fonologia. Os autores afirmam que as construções que estão mais proximamente ligadas na rede motivam uma à outra mais rapidamente do que palavras que estão mais distantes na rede. Por isso, para Langacker (1987), quanto mais frequentemente um nó ou uma relação é ativado, mais prontamente ele pode ser ativado no futuro.

O mapeamento da rede construcional no qual a construção existencial compartilha demonstra que cada nó sanciona instâncias de construções, porém as múltiplas relações especificam-nas no contexto de uso. Assim, *types* e *tokens* dessas construções são interligados e funcionam como signos específicos e polissêmicos, sancionados pelo esquema matriz [V SN] via elos de herança e elos relacionais, produzidos, recepcionados e compreendidos como pertencentes a língua portuguesa.

Palavras finais

Neste trabalho, descrevemos a relação parental entre as construções monoargumental, apresentativa e existencial a partir da concepção de língua como uma rede de construções em uma amostra do *Corpus* do Português NOW. Verificou-se que elas compartilham traços gramaticais ora proximais, ora distantes. A relação parental entre elas é viabilizada por elos de herança e elos relacionais, pois há um esquema matriz que provê essas construções. O esquema matriz da monoargumental [V SN] provê propriedades para o esquema da apresentativa [V_{apr}. SN] e para o esquema da existencial [Exis SN loc-temp.].

Dessa maneira, essas construções são linkadas ao nó matriz [V SN], que concentra traços do polo da forma e do significado, que são espalhados a outros nós da rede construcional da língua portuguesa. Com isso, no polo da forma, a monoargumental e

apresentativa têm um sujeito [+ agentivo], um verbo de menor transitividade, com correspondência transparente entre elas. O elo de herança entre essas duas é maior, pois mantém a predicação básica do verbo, que predica ou seleciona o argumento sujeito da oração. Além disso, elo de subparte com o esquema matriz [V SN] é estabelecido, visto que o ordenamento é similar, porém, na existencial, o sintagma nominal único não é selecionado pelo verbo em primeira posição.

No polo do significado, as propriedades pragmáticas são relacionadas à informatividade. O esquema matriz [V SN] mostra fatores informacionais na ordenação dos elementos, ponto proximal entre a monoargumental, apresentativa e existencial. Por isso, o SN posposto concentra o núcleo informativo, focalizado-tematizado, não topicalizado. Nesse aspecto, a existencial herda a centralidade pragmática do SN como núcleo informativo, não-tópico, porém não focaliza como faz a apresentativa. É proeminente na construção existencial a propriedade discursiva, visto que a inserção de entidade no plano discursivo ancora conteúdo referencial; dispare, também, na função semântica — assertiva de existencial de algo/alguém no plano discursivo.

Portanto, a relação parental entre as construções em questão demonstra que os conhecimentos linguísticos são acionados por meio de exemplários mais centrais que compartilham detalhes gramaticais para exemplários mais específicos (BYBEE, 2010). Nesse sentido, a gramática da língua evidentemente é uma rede construcional, que, para atender às necessidades sociocomunicativas da vida cotidiana, é mobilizada em blocos únicos. Assim, as construções monoargumental, apresentativa e existencial são processadas pelos usuários da língua a partir de um nó central, que viabiliza

instâncias específicas em construtos particulares da língua portuguesa.

Referências

- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: University Press, 2010.
- CIRÍACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. Inacusatividade e Inergatividade no PB. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 46, n. 2, p. 207-225, jul./dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637169/4891>> Acesso em: 20 jul. 2022.
- COSTA, Lucas Alves. **A construção existencial no português**. 2022. 128f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2022.
- CROFT, W. **Verbs: aspect and clausal structure**. Oxford: University Press, 2012.
- _____. **Radical Construction Grammar**. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: University of Oxford, 2001.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University Press, 1995.
- _____. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Oxford: University Press, 2006.
- _____. **Explain me this: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions**. Princeton: University Press, 2019.
- HUDSON, Richard. **Language networks: The new word grammar**. Oxford: University Press, 2007.
- LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar, vol. I**. Stanford: University Press, 1987.
- NASCIMENTO, Silvia Helena Lovato do. Notas sobre a inacusatividade e especificidade. **Working papers em linguística**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 94-115, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/2314/2000>> Acesso em: 20 jul. 2022.
- PERLMUTTER, David M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. **Proceedings**, Berkeley, v. 4, p. 157-189, 1978.
- PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola, 2014.
- SANTOS, Sergio da Silva. **O estatuto morfosintático, semântico e pragmático dos verbos em construções apresentacionais não existenciais**. 2019. 125f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Araraquara – SP, 2019.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. 1. ed. Oxford: University of Oxford, 2013.
- TRINDADE, Priscyla Silva Sant'Ana. **Participios Derivados De Verbos Monoargumentais Uma Breve Análise Sobre Predicação Verbal**. 2017. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura) – Universidade de Brasília. Brasília, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/19366/1/2017_FernandaPriscylaSilvaSantAnaTrindade.pdf> Acesso em: 15 nov. 2022.

Recebido em: 29/09/2022
Aprovado em: 17/11/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.